

A Teoria da Distância Transacional: um mapeamento de teses e dissertações brasileiras

The Theory of Transactional Distance: a mapping of Brazilian theses and dissertations

Nubia Carla Ferreira Cabau¹, Maria Luisa Furlan Costa²

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR, Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo a Teoria da Distância Transacional de Michael Grahame Moore e como objetivo principal identificar, na produção científica brasileira, onde e como a Teoria da Distância Transacional é abordada pelos pesquisadores brasileiros no período de 2000 a 2016. Para tanto, foram realizados o levantamento, o mapeamento e a análise dos pressupostos teóricos da Teoria da Distância Transacional em produções acadêmicas de pós-graduação *stricto sensu* no recorte temporal delimitado. O procedimento metodológico adotado foi a análise de conteúdo enfatizando o paradigma qualitativo, com caráter bibliográfico e documental, apoiado na realização de estudo do tipo Estado do Conhecimento em teses de doutorado e dissertações de mestrado distribuídas em 19 produções acadêmicas em que estão contempladas a concepção da Teoria da Distância Transacional. Com base na análise de conteúdo, os resultados apontam que a Teoria da Distância Transacional é utilizada por estudiosos brasileiros em pesquisas do tipo estudos de caso, validando os conceitos apresentados na Teoria e como sustentação para discutir aspectos pedagógicos, tecnológicos, de desenvolvimento e estruturação da educação a distância. O resultado do estudo revela a necessidade de pesquisas que indiquem novas hipóteses e que sejam capazes de reformular a teoria existente, adequando-se às necessidades e particularidades do sistema educacional, social e político brasileiro.

Palavras-chave: Educação a distância. Teoria da Distância Transacional. Teorias em Educação a Distância.

Abstract

The present article focuses on the Theory of Transactional Distance formulated by Michael Grahame Moore and aims at identifying where and how Transactional Distance Theory has been approached by Brazilian researchers from 2000 to 2016. In order to achieve this objective, a mapping and an analysis of the theoretical assumptions of Transactional Distance Theory were carried out taking into consideration the Brazilian academic production in the delimited period of time. As a qualitative study, the methodological procedure adopted was content analysis. The bibliographical and documentary nature was supported by the State of Knowledge type of study in doctoral theses and dissertations distributed in 19 academic productions in which the concept of Transactional Distance Theory was discussed. Based on the content analysis, the results point out that the Transactional Distance Theory is used by Brazilian scholars in case studies to validate the theory, and as support to discuss

1 Mestre em educação, professora de educação musical da rede estadual do Paraná, tutora virtual do Curso de Educação Musical a Distância da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora e membro do grupo de pesquisa GPEaDTEC, atuando na linha de gestão e políticas em EaD. E-mail: nubiacabau@bol.com.br

2 Doutora em Educação, professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Diretora do Núcleo de Educação a Distância e Coordenadora do Programa Universidade Aberta do Brasil no âmbito da mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa GPEaDTEC. E-mail: luisafurlancosta@gmail.com

pedagogical, technological, developmental and structuring aspects of the Distance Education. The results of the study show the need for further researches that can both indicate new hypotheses and reformulate the existing theory, by adapting it to the needs and specificities of the Brazilian educational, social and political system.

Keywords: Distance Education. Transactional Distance Theory. Theories of Distance Education.

Introdução

Neste artigo apresentamos o resultado de pesquisa, realizada como requisito para a obtenção do título de mestre em Educação, onde se procurou compreender conceitos, pressupostos básicos e especificidades da educação a distância para a construção de um sistema de EaD³ eficiente e compatível com os anseios não só das instituições, mas também de seus alunos. Dessa forma, torna-se imprescindível a necessidade da realização de estudos a respeito das teorias em EaD no Brasil, de modelos e metodologias de ensino que pressupõem autonomia do aluno, interação e interatividade, diálogo e estrutura de cursos a fim de que possamos compreender como e quais são os objetivos dos pesquisadores brasileiros ao utilizarem essas teorias em suas pesquisas e projetos de estudo.

Observamos que as teorias que fundamentam os estudos e pesquisas sobre a Educação a Distância na contemporaneidade, ou seja, por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), datam da segunda metade do século XX, elaboradas no período em que as distâncias eram entendidas como distâncias espaciais. Moore e Kearsley (2007; 2013) e Moore e Anderson (2013) nos apresentam um novo conceito de distância concebido em termos de suas variáveis psicológicas e pedagógicas e não com base nos fatores geográficos e tecnológicos que dominam a maior parte das discussões atuais sobre o tema.

Michael G. Moore destaca que a primeira ideia da Teoria da Interação a Distância ou da Distância Transacional é que “a distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 239).

Diante disso, podemos assinalar que, na atualidade, as tecnologias de informação e comunicação encurtaram cada vez mais ou até mesmo acabaram com as distâncias geográficas. Sendo assim, o modo de olhar para a EaD e para seu alunado também precisa mudar. A distância transacional a que se refere Moore (2013) trata de um espaço psicológico, de possíveis compreensões errôneas entre aluno e professor sendo que tal espaço precisa ser suplantado por técnicas de ensino. Essa teoria é apresentada sob três variáveis, que não se tratam de variáveis tecnológicas ou comunicacionais, mas sim variáveis de ensino e aprendizagem, que são: diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

Podemos observar que quando se trata de EaD, comumente o pensamento que surge é de um ensino que faz uso de recursos tecnológicos como computador e internet, enquanto muitas questões que precisam ser estudadas não recebem a devida atenção, principalmente questões pedagógicas ligadas à metodologia de ensino para essa modalidade e teorias que compreendam a distância como um fenômeno pedagógico

3 Belloni (2012), Formiga e Litto (2009, p. 45) reportam-se à sigla EAD como Educação ou Ensino Aberto e a Distância em países que trabalham essa modalidade há mais tempo e quando “por meio do e-learning a EAD adquiriu o atributo atual da flexibilidade com plena interatividade”. Já a sigla EaD reporta-se à Educação a Distância oferecida em nosso país. Dessa forma, adotamos a sigla EaD em nosso discurso utilizando a sigla EAD quando se tratar de citação literal.

e não somente como uma separação geográfica. Dessa forma, focalizamos nosso interesse pelo campo amostral do presente estudo em compreender quais os objetivos que norteiam pesquisadores brasileiros que tratam da Teoria da Distância Transacional no Brasil, bem como compreender onde e como os estudiosos da área se apropriam dessa Teoria em suas abordagens de estudo no período de 2000 a 2016.

Estado da arte e Estado do conhecimento

Nos últimos anos, observamos um crescimento significativo de pesquisas conhecidas pela denominação Estado da Arte ou Estado do Conhecimento. Estas ganharam espaço no meio acadêmico por serem desenvolvidas em parcerias com organismos governamentais. Teixeira (2006b) informa que as primeiras pesquisas desse tipo foram financiadas, no Brasil, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), e cita os estudos sobre avaliação na Educação Básica de autoria de Sá Barreto e Pinto (2001) e as parcerias apoiadas pela Rede Latino-Americana de Informação e Comunicação (REDUC), que contemplaram as temáticas Educação e Trabalho, Livro Didático, Alfabetização e Ensino Supletivo como importantes trabalhos desenvolvidos utilizando o estudo do tipo Estado da Arte ou Estado do Conhecimento.

É possível perceber que dentre vários autores, como Morosini e Fernandes (2014), Romanowski e Ens (2006), Ferreira (2002) e Teixeira (2006a), há consenso ao afirmar que, nos últimos anos, observa-se uma expansão de programas, cursos, seminários, com crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo, envolvendo diferentes aspectos e temas relativos a todas as áreas de conhecimento. Essa intensificação de publicações gera questionamentos e inquietações que levam o pesquisador e a sociedade a sentirem a necessidade de estudos que realizem um balanço, um mapeamento do conhecimento construído e elaborado que possam ser capazes de apontar “os enfoques, os temas mais pesquisados e as lacunas existentes” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 38).

De caráter bibliográfico, as pesquisas do tipo Estado da Arte ou Estado do Conhecimento objetivam mapear e discutir certo formato de produção acadêmica. Romanowski e Ens (2006, p. 39) atestam que:

Os objetivos favorecem compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações. Essas análises possibilitam examinar as ênfases e temas abordados nas pesquisas; os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações; a relação entre o pesquisador e a prática pedagógica; as sugestões e proposições apresentadas pelos pesquisadores; as contribuições da pesquisa para mudança e inovações da prática pedagógica; a contribuição dos professores/pesquisadores na definição das tendências do campo de formação de professores.

Ressaltamos que esse tipo de estudo não se restringe a identificar determinada produção de uma área específica, o que poderia ser considerado como uma revisão de literatura ou um simples mapeamento. Em um Estado da Arte, é necessário analisar e categorizar as produções revelando múltiplos enfoques e perspectivas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado.

Haddad (2002, p. 9) sublinha que os estudos de tipo Estado da Arte permitem:

[...] sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura.

Moore e Kearsley (2013) apontam um desenvolvimento adicional da Teoria da Interação a Distância pela pesquisa e empreendem o que podemos chamar de um Estado da Arte sobre a Teoria da Distância Transacional, com o objetivo, segundo os próprios autores, de encorajar novos pesquisadores a usar este levantamento para considerar o embasamento de sua própria investigação sobre a Teoria da Interação a Distância. Destacam, ainda, que desde a formulação da teoria original até hoje alguns pesquisadores renomados desenvolveram a ideia de autonomia do aluno.

A observação desse levantamento apresentado por Moore (2013) e Moore e Kearsley (2007; 2013) foi nossa inspiração para a realização de um Estado do Conhecimento em teses e dissertações desenvolvidas no Brasil sobre a Teoria da Distância Transacional tendo como princípio que a relevância desta pesquisa está no levantamento, mapeamento e análise dos pressupostos teóricos da Teoria da Distância Transacional quando utilizada por pesquisadores brasileiros. Pontuamos que este estudo pretende servir de base para futuros pesquisadores, pois buscamos reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como apresentar as lacunas e os campos inexplorados.

Parece-nos que as nomenclaturas “Estado da Arte” e “Estado do Conhecimento” configuram-se em termos diferentes para um mesmo tipo de estudo. Como é possível observar, encontramos ora a denominação Estado da Arte, ora a denominação Estado do Conhecimento utilizadas por autores distintos para se reportar a estudos que buscam identificar e sintetizar a produção científica de dada área, com um recorte temporal definido. Picheth (2007, p. 27) sustenta que “a expressão ‘estado da arte’ reflete o ‘estado do conhecimento’, ou seja, os avanços que determinada área ou objeto de conhecimento tem apresentado em um determinado período”.

Corroborando essa afirmação, Teixeira (2006b, p. 77) relata que:

Estado da Arte ou *Estado do Conhecimento* procura compreender o conhecimento elaborado, acumulado e sistematizado sobre determinado tema, num período temporal que, além de resgatar, condensa a produção acadêmica numa área de conhecimento específica (grifos no original).

O estudo que aborda apenas um setor de publicações vem sendo chamado, segundo Romanowski e Ens (2006), de Estado do Conhecimento. Ao adotarmos essa definição, podemos afirmar que na presente pesquisa utilizamos o estudo do tipo Estado do Conhecimento referente à produção acadêmica dos programas de pós-graduação *stricto sensu* expressa em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Reiteramos que objetivamos mapear, analisar e interpretar como a Teoria da Distância Transacional vem sendo tratada por pesquisadores brasileiros no período de 2000 a 2016.

Justificamos o motivo para esse delineamento temporal por ser no ano de 2000 que as primeiras universidades brasileiras foram credenciadas pelo Ministério da Educação para ofertar cursos na modalidade a distância, o que, conseqüentemente, abriu o campo para que pesquisadores iniciassem um processo de investigação sob

vários aspectos referentes à educação a distância. O recorte encerra-se em 2016 por ser esse o último ano de desenvolvimento desta pesquisa.

Além do recorte temporal, fez-se necessária a definição dos termos que serviram de descritores para a seleção das teses e dissertações, a fim de que pudéssemos abranger o objeto de estudo e as possíveis nomenclaturas utilizadas. Assim, elencamos cinco descritores: (1) “teoria da distância transacional”; (2) “teorias em educação a distância no Brasil”; (3) “teorias em educação a distância”; (4) “teorias em EaD” e (5) “EaD”, utilizados nessa ordem durante a pesquisa. Utilizamos o quinto descritor, por ser muito abrangente, somente quando não obtivemos nenhum resultado após aplicação dos quatro primeiros. Como filtro de busca usamos as palavras mestrado e doutorado.

Anteriormente à leitura dos resumos, selecionamos as fontes que serviriam de base de dados para a presente pesquisa. A primeira base de dados investigada foi o Banco de Teses e Dissertações⁴ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A justificativa para essa escolha consiste em se tratar de um banco de dados oficial do Ministério da Educação que agrega teses e dissertações “advindas de programas legitimados pela comunidade científica da área” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 156).

Buscando outras fontes que pudessem servir de referencial e base de dados para a pesquisa encontramos o Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD)⁵, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que se constituiu em mais uma fonte de pesquisa para levantamento de teses e dissertações sobre o tema pesquisado.

O Portal Domínio Público também foi utilizado como fonte de pesquisa em teses e dissertações. Trata-se de biblioteca digital desenvolvida em *software* livre lançado em 2004 e, de acordo com o então ministro de estado da educação, Fernando Haddad, tem como objetivo compartilhar de forma equânime “uma biblioteca virtual que deverá se constituir em referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral” (HADDAD, 2002)⁶.

Em busca de outras fontes que dessem sustentação a este estudo, encontramos a Biblioteca Digital Versila⁷, considerada a maior concentradora de acervos abertos acadêmicos sediada no Hemisfério Sul. Essa Biblioteca foi inaugurada em novembro de 2015, reunindo e oferecendo gratuitamente milhões de itens digitais de produção científica oriundos dos melhores centros de pesquisa do mundo.

Dessa forma, utilizando as bases de dados e os descritores já citados chegamos a um total de 347 trabalhos que, após a leitura dos títulos, palavras-chave e resumos e, em alguns casos, de leitura adicional dos sumários e capítulos ou seções, culminou com a seleção de 19 estudos a serem analisados. Após esse mapeamento, concluímos que a sistematização de trabalhos do tipo Estado do Conhecimento não constitui tarefa simples, pois exige uma análise criteriosa a fim de assegurar e validar que o objeto de estudo esteja realmente contemplado nos trabalhos selecionados, e da mesma forma, a necessidade de certificar que os demais trabalhos foram excluídos por realmente não abordarem a temática em questão.

4 Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>.

5 Disponível em: <<http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>.

6 Disponível em: <<http://www.ibict.br/sobre-o-ibict/historico-1>>.

7 Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/institucional>>.

A Teoria da Distância Transacional

A necessidade de conhecer a teoria é fundamental para um pesquisador, mas é também essencial para a sua área de concentração, para todos os que atuam e pesquisam nos mesmos limites e que visam à descoberta de novos conhecimentos. É fato que não há teoria sem prática, e que a primeira é resultado da segunda. Moore e Kearsley (2013) apontam que os fatos e conceitos que compõem uma teoria proporcionam uma visão compartilhada para aqueles que a estudam e um vocabulário comum que facilita a discussão, a crítica e a sua análise. Afirmam também que, na educação a distância, muitas questões que precisam ser estudadas não recebem a devida atenção, ao passo que muitas informações sobre tecnologia relatadas como EaD não guardam relação com esta, possuindo somente importância trivial. Desse modo, enunciam que “conhecer a teoria, então, é de muito valor para todos que desejam obter prática na educação a distância, para os pesquisadores é indispensável” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 235).

Podemos acrescentar que conhecer a teoria não é essencial somente para os pesquisadores ou para os que desejam obter prática na área, mas que a teoria também é crucial na construção de um projeto efetivo de EaD. Observamos que a ausência de teoria ou um conjunto de linhas teóricas que, muitas vezes, abarcam várias concepções de educação configuram-se em um dos fatores que contribuem diretamente para o fracasso ou mau desenvolvimento de cursos em EaD. Portanto, a teoria é a base de sustentação para o conhecimento, aqui entendido como pesquisa baseada na teoria.

De acordo com Moore e Kearsley (2007), a primeira pessoa que sugeriu a necessidade de pesquisa em educação a distância foi J. S. Noffisinger, diretor do NHSC – National Home Study Council (Conselho Nacional de Estudo em Casa) –, que produziu a primeira pesquisa de educação por correspondência norte-americana, em 1926, seguido por Bittner e Mallory, em 1933; em 1956, uma pesquisa de vulto é realizada pela NUEA – National University Extension Association (Associação Nacional de Pesquisa Universitária). Moore e Kearsley (2007; 2013) declaram que importantes pesquisas foram realizadas em 1963, 1966, 1968 e 1971, mas, a partir da década de 1980, quando a telecomunicação para a educação a distância adquiriu interesse considerável, com o estabelecimento do ACSDE – The American Center For Study of Distance Education (Centro Americano para o Estudo da Educação a Distância) – e com a publicação do *American Journal of Distance Education* (AJDE), um número crescente de pessoas começou a participar de pesquisas.

Michael G. Moore foi imerso nas ideias sobre educação aberta e a distância ao se tornar assistente de Charles Wedemeyer (à época professor da University of Wisconsin-Madison) em 1970, e nesse período verificou a ausência de uma teoria para descrever a educação na qual os comportamentos de ensino e do aprendizado acontecem à parte dos comportamentos de aprendizado.

Outro autor que influenciou e foi influenciado diretamente por Moore é Otto Peters, o qual cunhou o termo educação a distância. Peters é conhecido pela teoria que descreve a educação a distância como uma forma industrializada de educação.

Moore e Kearsley (2007) enunciam que o que atraiu Moore ao trabalho de Wedemeyer foi a ideia de independência do aluno e a distância, ambas tratadas como uma força positiva para auxiliar alunos adultos a terem maior liberdade e maior gerência sobre seu aprendizado. A definição de um aluno independente não só no

espaço e tempo, mas potencialmente no controle e no direcionamento do aprendizado é que se configura na força positiva capaz de ajudar alunos adultos a ter “maior controle do seu aprendizado e mais independência do controle exercido por instituições educacionais” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 239).

Importante ressaltar que, embora trabalhasse com Wedemeyer, Moore foi “mais influenciado do que este pelo trabalho de Carl Rogers, Abraham Maslow, Charlotte Buhler e outros psicólogos da corrente denominada humanística” (MOORE; KEARSLEY, 2007; 2013), além das ideias de andragogia (Malcolm Knowles)⁸ e aprendizado autodirecionado (Alan Tough), que em 1971 estavam no ápice de sua popularidade.

Podemos entender que o diferencial da teoria de Moore é exatamente os novos termos em que define distância, e a relação entre diálogo e estrutura, o que Saba (2003, p. 13, tradução nossa)⁹ aponta como “o caminho para uma interpretação pós-moderna da distância na educação”.

A teoria de Michael G. Moore foi divulgada, pela primeira vez, em 1972, na Conferência sobre Aprendizagem Independente em Vancouver, Canadá. Após identificar macrofatores, Michael G. Moore agrupou e analisou a estrutura de centenas de cursos nos quais “os comportamentos de ensino são realizados à parte dos comportamentos de aprendizagem” (MOORE; KEARSLEY, 2007; 2013). Essa foi a base empírica que deu sustentação à divulgação de sua teoria, que surgiu combinada à perspectiva de educação a distância como um sistema industrial adotada por Otto Peters aliada à perspectiva de educação com uma relação centrada no aluno e mais interativa entre aluno e professor defendida por Wedemeyer.

É importante destacar que o lançamento da Teoria da Distância Transacional representava a fusão de duas tradições pedagógicas que entre as décadas de 60 e 70 do século XX se apresentavam em constante disputa: a tradição humanística, com valorização do diálogo não estruturado, aberto e interpessoal, e a tradição behaviorista, com base “em objetivos comportamentais com o máximo do controle do processo de aprendizagem por parte do professor” (MOORE, 1993, p. 8). O que Moore fez foi combinar a perspectiva de educação a distância como um sistema industrial bastante estruturado com a perspectiva de uma relação mais centrada na independência do aluno e na sua interação com o professor. Assim, desde 1986 essa teoria é conhecida como Teoria da Distância Transacional.

Moore (1993) sustenta que, na Teoria da Distância Transacional, a educação a distância não é uma simples separação geográfica entre alunos e professores, mas um importante conceito pedagógico que descreve as relações professor-aluno quando estes estão separados no espaço/tempo. Parte do princípio de que essas relações são ordenadas conforme os seguintes componentes: estrutura dos programas educacionais, interação entre alunos e professores e o grau de autonomia do aluno.

Percebemos que a distância é tratada como um fenômeno pedagógico, embora seja correto afirmar que em educação a distância todos os alunos estão afastados de seus professores em termos de espaço e tempo. Assim, a interação a distância:

[...] é o hiato de compreensão e comunicação entre os professores e alunos causado pela distância geográfica que precisa ser suplantada por meio de procedimentos diferenciadores na elaboração da instrução e na facilitação da interação (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 240).

8 Teoria sobre a aprendizagem do adulto.

9 Segue original: “the way for a postmodern interpretation of distance in education” (SABA, 2003, p. 13).

A interação que Moore (2013) denomina em educação a distância é a inter-relação das pessoas em ambientes virtuais que possuem a característica de estarem separadas fisicamente entre si. Por conseguinte, trata-se de um espaço psicológico de potenciais compreensões errôneas entre alunos e professores que precisa ser suplantado por técnicas especiais de ensino, e esse espaço psicológico e comunicacional é a distância transacional. Moore e Kearsley (2013) citam Rumble (1986) para justificar que em todo evento educacional, mesmo na educação presencial, existe alguma interação a distância. Assim, a distância transacional é uma variável contínua, um termo relativo e não absoluto. Podemos afirmar que a grande questão de Michael Grahame Moore na elaboração de sua teoria é estabelecer as diferentes relações e inter-relações de programas educacionais a distância fundamentado em duas variáveis de comportamento de ensino e uma variável de comportamento do aluno. A esse grupo de variáveis Moore (1993) chamou respectivamente de diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

Como diálogo, Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) entende que o termo não significa o mesmo que interação, embora esta última seja necessária para criar diálogo. Em uma relação educacional, o diálogo é direcionado para o aperfeiçoamento da compreensão por parte do aluno. Dessa maneira, a natureza e a extensão do diálogo serão determinadas pela filosofia educacional do curso, pelas personalidades de professores e alunos, pelo conteúdo do curso e por fatores ambientais. Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) cita como um importante fator ambiental em cursos de educação a distância o meio de comunicação, embora julgue importante que outras variáveis sejam atendidas à medida que a educação a distância amadurece, especialmente projetos de curso, seleção e treinamento de instrutores e o estilo de aprendizagem dos alunos.

O segundo conjunto de variáveis que determina a interação a distância é definido por estrutura, que são os elementos utilizados na elaboração de um curso, tais como: objetivos de aprendizado, temas de conteúdo, apresentações de informações, estudos de caso, ilustrações gráficas, exercícios, projetos e testes. A estrutura expressa a rigidez ou a flexibilidade dos objetivos educacionais, das estratégias de ensino e dos métodos de avaliação do programa. Sendo assim, é a estrutura que define até que ponto os componentes do curso podem se adaptar ou atender às necessidades individuais do aluno. O cuidado com o que os elementos que compõem um curso são estruturados é que vai definir a sua qualidade. Logo, Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) e Moore e Kearsley (2007; 2013) sugerem que as equipes de criação de um curso devem realizar testes-piloto para se certificar da qualidade e de quanto tempo levará para cada aluno cumprir cada objetivo ou atividade. O que determinarão a extensão da estrutura serão a função e os objetivos dos cursos ou programas de ensino.

A estrutura é um elemento-chave da educação a distância e, juntamente com a variável diálogo, definirá o nível de interação a distância. Assim, cursos excessivamente estruturados não possibilitarão o diálogo entre professor e alunos, e, conseqüentemente, a distância transacional será grande de maneira que os alunos terão de ser mais autônomos em relação à tomada de decisões sobre seu próprio aprendizado. Já em cursos que tenham muito diálogo e pouca estrutura predeterminada, a extensão da distância transacional será menor de forma que o diálogo com professores ou instrutores permitirá modificações para atender às necessidades, ao estilo de aprendizagem

e ao ritmo de cada aluno. É possível inferir que é a estrutura que definirá a distância transacional e esta, por sua vez, definirá o grau de autonomia do aluno.

Com base nos apontamentos de Moore pode-se, portanto, concluir que o sucesso de cursos de educação a distância depende diretamente de oportunidades adequadas de diálogo e de materiais bem estruturados. Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) assinala que, na prática, o assunto se torna complexo, pois o que é adequado varia de acordo com o conteúdo, o nível de ensino e as características do aluno, e principalmente com a sua autonomia:

É preciso muita habilidade para facilitar o grau de diálogo que seja suficiente e adequado para determinados alunos. Superar desta forma a distância transacional através da estruturação adequada da instrução e do uso adequado do diálogo é bastante trabalhoso (MOORE, 1993 apud KEEGAND, 2002, p. 6).

Em seu trabalho publicado em 1972, com o título 'A autonomia do aluno - a segunda dimensão da aprendizagem independente', Moore e Kearsley (2013) afirmavam que educadores universitários por correspondência negligenciavam a habilidade dos alunos de serem responsáveis por seus próprios processos de aprendizagem, e com isto, os educadores limitavam o potencial da modalidade. Os autores sugeriam que havia padrões reconhecíveis de características de personalidades de alunos que se saíam bem em programas mais dialógicos e menos estruturados ao lado dos que preferiam programas menos dialógicos e mais estruturados. E a esse comportamento denominou autonomia do aluno:

O conceito de *autonomia do aluno* significa que alunos têm capacidades diferentes para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado. [...] o grau em que existem esses comportamentos do aluno pode ser visto como uma dimensão importante para a classificação dos programas de educação a distância (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 45).

Nesse sentido, podemos entender que a autonomia do aluno é a medida pela qual este, e não o professor, é quem determina os objetivos, as experiências e as decisões de avaliação dos programas de aprendizagem. Essa assertiva nos leva a concluir que se torna de fundamental importância para o desenvolvimento e a estruturação de um curso conhecer o perfil dos alunos em questão, pois o que se pressupõe é autonomia como característica de um aluno adulto.

Ainda em relação à autonomia do aluno, Moore (2013) alega que os psicólogos humanistas, principalmente Carl Rogers (1969 apud MOORE, 2013), foram responsáveis por estabelecer a ideia de aluno autônomo, sustentada por uma pesquisa empírica de Alan Tough (1971 apud MOORE 2013), demonstrando que:

[...] os estudantes têm, em diferentes graus, a habilidade de desenvolver um plano de aprendizagem pessoal, para encontrar recursos para estudar em seus trabalhos ou ambientes comunitários, e para autoavaliar quando o progresso foi satisfatório (MOORE, 2013, p. 72).

Cabe destacar ainda que Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) adverte que alguns programas permitem maior exercício da autonomia do que outros, mas isso não significa que todos os alunos são totalmente autônomos. Ou seja, assim como o diálogo e a estrutura, a autonomia do aluno é um conceito relativo e não absoluto.

Para desenvolver esse conceito, Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) criou uma descrição de um aluno ideal totalmente autônomo que seria, nas palavras do psicólogo Robert Boyd (1996 apud KEEGAND, 2002, p. 9), uma pessoa que “pode abordar assuntos diretamente sem ter um adulto participando de um conjunto de papéis de mediação entre o aluno e a matéria”. Concordando com Malcolm Knowles (1970 apud KEEGAND, 2002), que considerava que os alunos são treinados para serem dependentes do sistema escolar, essa premissa indicava que os adultos não estariam preparados para uma aprendizagem independente e apenas uma minoria conseguia agir com total autonomia; assim, Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) conclui que torna-se obrigação do professor ajudar os alunos a desenvolver essa habilidade.

Podemos afirmar que os ambientes virtuais de aprendizagem e as tecnologias de informação e comunicação oferecem, hoje, um nível de diálogo e interação como nunca antes alcançado pela educação a distância; com as facilidades da internet banda larga, alunos podem estar conectados em qualquer lugar, a qualquer tempo, independente da distância espaço-temporal. E essa é realmente uma grande revolução, que deve ser apropriada não só pela educação a distância, mas pela educação como um todo.

Portanto, é evidente que as novas tecnologias trazem implicações muito significativas em qualquer processo de ensino e aprendizagem, porque permitem que os alunos compartilhem a construção do conhecimento. Moore (1993 apud KEEGAND, 2002) sublinha que esse engajamento na consciência coletiva é o que Kowitz e Smith (1987) definem como “a terceira e mais avançada forma de instrução, após o ensino de conhecimentos básicos e de habilidades técnicas” (MOORE, 1993 apud KEEGAND, 2002, p. 10).

Observamos que a Teoria da Distância Transacional, apesar de seus mais de 40 anos de existência, ainda cabe perfeitamente nos sistemas de educação a distância de vários países do mundo. Por se tratar de uma teoria abrangente, que apresenta uma generalidade capaz de incluir todas as formas de educação, fornece uma ferramenta conceitual muito importante, capaz de posicionar um programa de educação a distância em suas variáveis: diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

Conforme Michael G. Moore, a Teoria da Distância Transacional oferece o quadro geral da pedagogia da educação a distância, e eis aqui, a nosso ver, o grande diferencial dessa teoria. O autor destaca que “ela permite a geração de números quase infinitos de hipóteses para pesquisas sobre a interação entre professores e alunos e a propensão do aluno para exercer o controle do processo de aprendizagem” (MOORE, 2013, p. 80). E que “é como um quadro para uma abordagem científica, em contraste com os ‘achismos’ tão comuns nesta área” (MOORE, 2013, p. 80).

Procedimentos metodológicos

Neste estudo do tipo Estado do Conhecimento privilegiamos a abordagem qualitativa, já que estabelecemos a análise de conteúdo buscando discutir aspectos da dimensão qualitativa, como a indicação dos principais resultados da investigação, a identificação de temáticas e abordagens dominantes e emergentes, assim como a apresentação das lacunas e campos inexplorados, o que poderá sugerir espaços para as pesquisas futuras.

Triviños (1987) declara que existem duas dificuldades para definir a pesquisa qualitativa. Uma diz respeito à abrangência do conceito e a outra à dificuldade de concepção precisa da ideia de pesquisa qualitativa. Em sua percepção, alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma expressão genérica, mas afirma que todos os autores compartilham do ponto de vista de que a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos e pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidades e que, posteriormente, irrompeu na investigação educacional.

Triviños (1987, p. 60) sublinha que a análise de conteúdo possui algumas particularidades, como a de ser “um meio para estudar as ‘comunicações’ entre os homens, colocando ênfase no conteúdo ‘das mensagens’”. Sendo assim, a informação buscada pelo pesquisador surgirá da apreciação objetiva da mensagem. Este autor ainda destaca que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas e que é necessário ter clareza sobre esse aspecto, caso contrário, o processo de inferência torna-se quase impossível. Ou seja, é sabendo “porque” se analisa que o pesquisador saberá “como” analisar.

Como assinalamos, o corpus desta pesquisa constitui-se das 19 produções científicas que tratam da Teoria da Distância Transacional, cujo objetivo principal é identificar, na produção científica brasileira, onde e como a Teoria da Distância Transacional é abordada pelos pesquisadores brasileiros, e nossa hipótese é que a Teoria ainda é utilizada de forma a justificar todas as ações em EaD, sejam positivas ou negativas.

A partir a leitura na íntegra de todas as teses e dissertações que constituem o corpus desta pesquisa procedemos ao desenvolvimento do trabalho de investigação a partir da elaboração de fichas catalográficas. Nessas fichas, organizamos os dados coletados em um quadro-síntese que reúne informações pertinentes às teses e dissertações selecionadas, contendo dados referentes à identificação dos estudos com autor, título, ano de defesa, nível, orientador, instituição de Ensino Superior, dependência administrativa e área de conhecimento. Ainda na mesma ficha organizamos os dados relativos ao conteúdo divididos em palavras-chave, objetivos da pesquisa e resumo. Além das fichas catalográficas, lemos todas as teses e dissertações segundo a questão norteadora: Onde e como a Teoria da Distância Transacional e suas variáveis: diálogo, estrutura e autonomia aparecem na produção científica brasileira?, o que nos proporcionou outro olhar sobre o material pesquisado. Sendo assim, após a leitura de cada trabalho elaboramos um estudo analítico em que buscamos interpretar o material estudado sob essa nova ótica da aplicação e abordagem da Teoria da Distância Transacional pelos pesquisadores brasileiros.

Nesse sentido, na análise de conteúdo desta dissertação partimos do pressuposto de que a própria mensagem é o elemento fundamental e constitutivo de investigação. Bardin (1977) aponta que qualquer análise de conteúdo passa primeiramente pela análise da própria mensagem já que esta se constitui em indicador sem o qual a investigação não seria possível. Como sugere este autor, partimos das significações que a mensagem contida nas produções nos fornece. Os discursos registrados nas teses e dissertações representam um grande diferencial na construção da pesquisa, pois remetem, via de regra, à realidade de seus pesquisadores, onde, por meio de estudos teóricos ou práticos, podemos observar a apropriação e transformação da informação obtida em um dado científico.

A Pesquisa

Observamos que o estabelecimento de uma questão de pesquisa traz para o pesquisador a possibilidade de olhar para a obra investigada de um novo “lugar”, sob um novo “ponto de vista” ou com um “novo significado” que, muitas vezes, não é o mesmo estabelecido pelo próprio autor do trabalho a ser explorado. Esse novo olhar propicia ao investigador estabelecer novas perguntas, novos enfoques e novas discussões que não foram, a princípio, o objetivo primeiro e o conteúdo manifesto do trabalho realizado.

Podemos identificar, nas pesquisas elencadas, que seus autores apontam conceitos muito discutidos na educação a distância. Dessa maneira, identificamos as concepções de interação, avaliação, mediação, ensino e aprendizado, formação de professor, gestão e evasão escolar como norteadoras de análise e observação de como os pesquisadores brasileiros utilizam a Teoria da Distância Transacional de modo a validar suas hipóteses e objetivos de pesquisa.

Concluimos que o conceito de interação é o mais discutido por autores que se fundamentam na Teoria da Distância Transacional. Das 19 pesquisas selecionadas, sete trazem, em seu bojo, discussões relativas à interação e interatividade.

Salientamos que quando o tema é interação, os autores buscam investigar, basicamente, o processo de interação entre aluno e professor, mas também levantam questões relativas ao papel do professor como gestor da interação, a natureza interativa das tarefas e a interação na comunicação mediada por tecnologias como o computador e os ambientes virtuais 3D online. Nesse contexto, ainda discutem questões referentes à aprendizagem colaborativa, às tecnologias utilizadas nos cursos a distância, as implicações teóricas e práticas da comunicação mediada por computador e a interação com o conteúdo e com a tecnologia.

Outro tema de destaque que encontramos nas pesquisas selecionadas para este estudo é a avaliação. Nos estudos analisados constatamos que 3 autores apontam para a avaliação, porém observamos que o termo avaliação se refere à avaliação da aprendizagem assim como à avaliação das possibilidades de utilização da educação a distância e da eficiência dessa modalidade de ensino. Os autores brasileiros, ao discutir avaliação, também apontam para o estudo de temas como reestruturação ou mesmo estruturação de um curso para a modalidade a distância com avaliação do aprendizado. Verificamos ainda que a própria avaliação da educação a distância como possibilidade de ensino é alvo dos pesquisadores. A mediação é outro tema de relevância nas pesquisas selecionadas.

O tema mediação é explorado, nesse estudo, por 3 pesquisadores brasileiros no contexto da educação a distância e no estudo dos processos comunicacionais para analisar as mediações entre professor e aluno, entre alunos, entre sujeito e conteúdo e a mediação por meio de *software*. Os autores ainda discutem como o processo de mediação é assumido por professores e alunos no contexto da educação a distância. Observamos que as ferramentas digitais de comunicação e a manipulação das mídias de comunicação são examinadas como potenciais mediadores na EaD. Diálogo, estrutura e autonomia estão presentes nas análises de todas as pesquisas que abordam a mediação tendo como referencial a Teoria da Distância Transacional.

As questões referentes ao ensino e aprendizado são levantadas por 4 pesquisas selecionadas neste estudo que buscam investigar tanto os processos de ensino/

aprendizagem na sistemática organizacional de um curso a distância quanto as questões relativas ao aprendizado autônomo, à aprendizagem colaborativa e à influência dos modelos pedagógicos nos ambientes virtuais de ensino/aprendizagem. Para tanto, todos os autores estabelecem as variáveis diálogo e estrutura como categorias de análise e/ou como base para análise das questões formuladas. Também apontam autonomia e distância transacional como categorias fundamentais no desenvolvimento do processo de pesquisa.

Um autor utiliza a Teoria da Distância Transacional para investigar a formação de professores com o objetivo de estabelecer e analisar a ponderação das variáveis: diálogo, estrutura, inserção de mídias e uso das TIC no desenvolvimento da autonomia do aprendiz em articulação com os requisitos da formação docente para a EAD. Assinalamos que o autor utiliza as variáveis diálogo, estrutura e autonomia como requisitos da formação docente.

Identificamos que uma autora (ANDRADE, 2010) concentra seus esforços de pesquisa para analisar gestão e evasão. A partir de um enfoque sobre gestão de curso destaca as teorias de Peters (1967), Moore (1986), Holmberg (1995) e Garrison (1985) sobre educação a distância como fundamentais nesse processo, apoiando-se nos conceitos de estrutura, diálogo e autonomia como dimensões de análise essenciais para o estudo.

Podemos constatar que os estudos analisados estão fundamentados na Teoria da Distância Transacional, seja como principal fonte, como apoio a alguma outra teoria ou ainda em associação a outros teóricos.

Verificamos que Maia (2013) refutou, em parte, a proposta da Teoria da Distância Transacional ao afirmar que esta não necessariamente se relaciona positivamente à estrutura e negativamente ao diálogo, pois diálogo e estrutura podem e devem caminhar juntos. Essa assertiva nos leva a afirmar que a interpretação da autora não vai ao encontro das proposições de Michael G. Moore que aponta, em sua teoria, a estrutura como variável determinante da distância transacional e esta, por sua vez, definirá o grau de autonomia do aluno. Ou seja, para Moore, diálogo e estrutura são variáveis de comportamento de ensino e não estão associadas positiva ou negativamente entre si, mas devem ser, simplesmente, adaptadas de acordo com os objetivos e necessidades de cada programa de ensino.

No estudo de Lins (2010), observamos a ampliação do conceito de interatividade, o que leva a consideração apresentada por Moore (2013) de que esse tipo de estudo tem grande interesse por parte da comunidade científica, já que vai além das considerações estabelecidas na teoria e amplia as possibilidades de investigação para novos pesquisadores.

Observamos que, nos estudos científicos brasileiros, a Teoria da Distância Transacional é apontada como pioneira e como uma das mais importantes teorias em educação a distância, utilizada para analisar conceitos pedagógicos como aprendizagem colaborativa, capacitação profissional e conceitos não pedagógicos como evasão, gestão e avaliação de eficácia de cursos na modalidade a distância. Porém, identificamos algumas ausências de temas como, por exemplo, estudos diretamente relacionados à autonomia do aluno, principalmente quando, com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, levantam-se possibilidades de estudo sobre a autonomia tanto em termos de controle e apoio dos alunos como em termos de flexibilidade. Ainda podemos acrescentar hipótese de estudos referentes

à ampliação da variável diálogo, já que, com as novas tecnologias, a comunicação assíncrona estabelece um novo conceito na relação espaço/tempo e, consequentemente, na variável diálogo.

Por fim, entendemos que a Teoria da Distância Transacional é uma importante base de fundamentação teórica para estudantes e pesquisadores de todas as partes do mundo, contudo, como declara seu próprio autor, conhecer a teoria é fundamental para o pesquisador, ao que acrescentamos ser também primordial para que professores, gestores e todos os que atuam nessa modalidade de ensino enxerguem a educação a distância não como uma simples separação geográfica, mas como um importante conceito pedagógico que, para alcançar seus reais objetivos, necessita da estrutura adequada dos programas educacionais que possibilitem a interação entre alunos e professores visando ao grau de autonomia que se busca alcançar. Assim, a teoria passa de um simples instrumento de análise para uma importante ferramenta de transformação.

Considerações finais

Ao buscar identificar onde a Teoria da Distância Transacional aparece e como é tratada por pesquisadores brasileiros nos 19 trabalhos selecionados para a pesquisa que subsidiou a elaboração desse artigo, organizamos várias situações de estudo, o que nos possibilitou observar, aprofundar e interpretar as pesquisas de forma teórica e empírica. A manipulação, o agrupamento e a interpretação dos dados nos aproximaram dos pesquisadores e propiciaram um novo olhar sobre a produção científica brasileira.

Na exposição das temáticas que serviram de base para a análise de conteúdo deste estudo, intencionamos responder à nossa hipótese de pesquisa de que, no Brasil, a teoria ainda é utilizada de forma a justificar todas as ações em EaD, sejam elas positivas ou negativas. Para isso determinamos, como objetivo geral, identificar, na produção científica brasileira, onde e como a Teoria da Distância Transacional é abordada pelos pesquisadores brasileiros no recorte temporal delimitado para este estudo: 2000 a 2016. Para tanto, primeiramente contextualizamos a trajetória acadêmica e profissional de Michael Graham Moore, autor da Teoria da Distância Transacional, bem como os princípios teóricos e principais influências que o levaram a conceber sua teoria. Posteriormente, empreendemos o mapeamento das teses e dissertações buscando identificar a Teoria da Distância Transacional na produção científica brasileira para que, finalmente, fosse possível investigarmos as principais temáticas e analisarmos o conteúdo das produções com base em nossa questão norteadora: Onde a Teoria da Distância Transacional e suas variáveis: diálogo, estrutura e autonomia aparecem na produção científica brasileira?

Dessa forma, os trabalhos analisados no período supracitado referentes à Teoria da Distância Transacional apontaram, fundamentalmente, para estudos de caso, envolvendo um curso ou uma disciplina ofertada na modalidade a distância ou estudos comparativos, envolvendo dois cursos ou vários polos de um mesmo curso dessa modalidade. Essa assertiva responde à primeira parte de nosso objetivo: identificar 'onde' a Teoria da Distância Transacional é utilizada por pesquisadores brasileiros.

Essa situação geral relativa à pesquisa científica no Brasil nos faz refletir sobre a necessidade de estudos que transcendam a simples análise da teoria, nos leva a inferir que, apesar de as teses e dissertações examinadas possuírem fundamentação

teórica, esta última acaba sendo validada por seus investigadores, mas estes, por seu turno, não vão além da validação. Ou seja, somente confirmam o que já está claramente exposto na teoria. Defendemos a necessidade de estudos que ultrapassem esse estado de pesquisa, os quais, para se constituir em ferramentas importantes para o campo da educação a distância como um todo, apontem para perguntas e hipóteses que não foram anteriormente discutidas e que colem dados que possam ser generalizados a partir de um caso específico.

Quanto à segunda parte de nosso objetivo de pesquisa: ‘como’ a Teoria da Distância Transacional é tratada por pesquisadores brasileiros, podemos inferir que é utilizada como teoria pedagógica, porém não para discutir somente assuntos ligados à pedagogia, mas também para tratar de temas ligados às tecnologias, à gestão, à avaliação e à estruturação de cursos na modalidade a distância, ou seja, podemos afirmar que a Teoria da Distância Transacional é utilizada como sustentação para discutir aspectos pedagógicos, tecnológicos, de desenvolvimento e estruturação da EaD. Podemos comprovar essa assertiva quando elencamos a interação, avaliação, mediação, ensino e aprendizado, formação de professor, gestão e evasão escolar como temáticas emergentes que se constituíram norteadoras de análise de conteúdo da presente investigação.

Ainda sobre a segunda parte do nosso objetivo de pesquisa, ‘como’ a Teoria da Distância Transacional é tratada por pesquisadores brasileiros, inferimos que as teses e dissertações se dividem no que podemos chamar de dois grandes grupos de estudos. O primeiro e com o maior número de investigações é o grupo em que a Teoria da Distância Transacional é utilizada como principal ou dominante, e o segundo grupo é aquele em que a Teoria é utilizada como teoria complementar; não identificamos nenhuma pesquisa na qual as investigações contribuam para o desenvolvimento e ampliação da Teoria da Distância Transacional.

Podemos assinalar que nossa hipótese de pesquisa foi, em parte, confirmada, já que constatamos que a teoria ainda é utilizada de forma a justificar todas as ações em EaD. Essa afirmação fica evidenciada na análise dos estudos ao constatarmos, ainda nos temas das pesquisas, que os autores apoiam-se na Teoria da Distância Transacional para discutir questões que vão desde mundos digitais virtuais 3D até o conceito de presença em educação a distância. Entretanto, não podemos asseverar que a teoria é utilizada para justificar ações negativas em EaD, ou seja, que a teoria é utilizada também para estabelecer críticas a essa modalidade de ensino, posto que nos trabalhos selecionados não identificamos nenhum em que os pesquisadores apontassem aspectos negativos da educação a distância. Destacamos que esse fato não nos permite confirmar ou refutar essa premissa, pois seriam necessárias mais pesquisas na área, talvez com um olhar específico para esse tema, o que nos alvitra a possibilidade de sugestão para pesquisa futura.

As teses e dissertações analisadas podem servir para apontar o caminho para investigação ulterior e, antes de prosseguir em alguma direção, potenciais pesquisadores podem olhar mais profundamente alguns dos estudos analisados a fim de partir do conhecimento existente para lançar novas perguntas à pesquisa científica. Esperamos que este estudo possibilite um amplo conhecimento do que se produziu no Brasil sobre a Teoria da Distância Transacional.

Os temas que tratam da autonomia configuram lacuna ou campo pouco explorado e representam fonte de sugestão para novos estudos. Observamos que, em alguns

trabalhos, o tema até é discutido, contudo os autores não se fundamentam na Teoria da Distância Transacional, e procuram, em teorias pedagógicas da educação presencial ou na filosofia, aporte para o tema. Constatamos que essa fundamentação exclui a possibilidade de discutir autonomia nos termos em que esta se põe no novo contexto educacional, o da educação a distância, uma vez que, de acordo com Moore (2013), nesse caso o conceito de autonomia significa que alunos têm capacidades diferentes para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado e que esta se torna uma nova dimensão do aprendizado. Como pontuamos no decorrer deste trabalho, a autonomia pode ser investigada tanto em termos de controle e apoio dos alunos como em termos de flexibilidade.

O diálogo, tratado na Teoria da Distância Transacional como uma variável de comportamento de ensino, na EaD é afetado diretamente pelos meios de comunicação. Assim, identificamos que pesquisas que tratassem desse tema seriam de grande contribuição para o desenvolvimento e possível transformação do conceito de diálogo, como foi inicialmente concebido por Michael Grahame Moore, visto que o meio de comunicação é fator ambiental importante para a educação a distância e, observamos que a internet e as TIC afetam diretamente o conceito tanto de comunicação quanto de diálogo em EaD.

No que se refere à interatividade, evidenciamos que este é um tema dominante e emergente e que os autores buscam investigar o processo de interação entre aluno e professor. Entretanto, a natureza interativa das tarefas, o professor como gestor da interação e a interação em ambientes virtuais 3D são temáticas que identificamos como pertencentes ao universo da interatividade, o que nos leva a concluir que interação é um conceito amplo, dominante nas pesquisas e que tende a se expandir com o avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Quando apontamos que a Teoria da Distância Transacional é uma teoria criada em 1972, procuramos evidenciar que não se trata de uma tese recente, que possui uma trajetória e grande influência nos estudos sobre essa modalidade de ensino. Mas é preciso que essa Teoria se amplie, assim como as transformações tecnológicas que afetaram diretamente a educação a distância no Brasil e no mundo. Moore (2013) adverte que com o advento das TIC cria-se a oportunidade de se realizar adequações significativas na teoria original, como a exploração de outras variáveis de ensino e aprendizagem ampliando as variáveis por ele estabelecidas.

Concluimos com a certeza de que Michael Grahame Moore, ao tratar a distância como um fenômeno pedagógico, aponta um novo caminho para a EaD, caminho esse que deve ser percorrido não só por pesquisadores, mas também por gestores, administradores, professores e todos os que atuam ou pretendem atuar em educação a distância, a fim de que possamos construir uma base sólida, científica e teórica para a EaD no Brasil.

Referências

ANDRADE, A.F.B. **Análise da Evasão no Curso de Administração a Distância – Projeto-Piloto UAB: Um Enfoque sobre a Gestão.** 2010.138f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLONI, M. L. **Educação a distância.** 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção Educação Contemporânea).

FERREIRA, N. S. de A. As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FORMIGA, M.; LITTO, F. M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. SP: Pearson Education do Brasil, 2009. (Associação Brasileira de Educação a Distância)

HADDAD, S. **Educação de jovens e adultos no Brasil**. Brasília, DF: MEC/Inep/Comped, 2002 (Estado do Conhecimento n. 8). Disponível em: <<http://pedtarde.blog.com/files/2012/11/EJA-no-Brasil-1986-a-1998.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

KEEGAN, D. Theoretical Principles of Distance Education. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 1, p. 1-14. ago. 2002 (Tradução de Theoretical Principles of Distance Education).

LINS, W.C.B. **Interações em Atividades de Docência On-Line e Ambientes de Imersão 3D**. 2010.263f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

MAIA, C.O. **Estudo de Caso em Educação a Distância: Análise dos Pressupostos da Teoria da Distância Transacional a Partir das Relações Observadas em Cursos Livres**. 2013. 282f. Tese (Doutorado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MOORE, M. G. The Theory of Transactional Distance. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education**. 3rd ed. New York: NY Routledge, 2013. p. 66-87.

MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. Publicado In: KEEGAN, D. (1993) Theoretical Principles of Distance Education. Tradução de Wilson de Azevedo, revisão de tradução de José Manuel da Silva. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v.1, ago. 2002. (Tradução de: Theoretical Principles of Distance Education).

MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education**. 3rd ed. New York, NY: Routledge, 2013.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem online**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

PICHETH, F. M. **Pearte: um ambiente colaborativo para formação do pesquisador que atua no ensino superior por meio da participação em pesquisas do tipo estado da arte**. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=828>. Acesso em: 6 jun. 2016.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

SÁ BARRETO, E. S. de; PINTO, R. P. **Avaliação da Educação básica (1990-1998)**. Brasília, DF: MEC/Inep/Comped, 2001, (Estado do Conhecimento n. 4).

SABA, F. Distance Education Theory, Methodology, and Epistemology: a Pragmatic Paradigm In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates 2003. p. 03-20.

TEIXEIRA, C. R. O “Estado da Arte”: a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo (1975-2000). **Cadernos de Pós-Graduação - Educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2006a.

TEIXEIRA, C. R. **A concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo (1975-2000)**. 2006. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006b.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Enviado em: 09/junho/2017

Aprovado em: 21/novembro/2017